

O ESTRANHAMENTO NA FORMAÇÃO ANALÍTICA: CONFIDÊNCIAS E INCONFIDÊNCIAS

Cláudio Laks Eizirik

*Formation is good, form is bad, form is the end, death.
Formation is movement, act formation is life. (Paul Klee, 1924)*

*O problema não é inventar. É ser inventado hora após
hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente. (Carlos
Drummond, 1984)*

*Esse passo que vai sem esmagar as plantas no campo de
batalha, à procura de sítios, segredos, episódios não contados em
livro, de que apenas o vento, as folhas, a formiga reconhecem o
talhe, mas que os homens ignoram, pois só ousam mostrar-se sob
a paz das cortinas à pálpebra cerrada. (Carlos Drummond, 1956)*

Como sabemos, com Freud (1919), o que desperta estranheza, o que é estranho, é alguma experiência, situação, impressão infantil que um dia foi familiar, conhecida, íntima, doméstica (*heimlich*), foi depois submetida à repressão e retorna como algo assustador, sinistro, aparentemente não familiar (*unheimlich*). Ou, em suas palavras, “*uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais por meio de alguma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se*”. (Freud, 1969. p.310).

Nada mais justo do que celebrar os 100 anos deste belo e inspirador trabalho do que fazê-lo tema de reflexão dos analistas brasileiros neste congresso da FEBRAPSI, inclusive considerando possíveis extensões desse insight original. Como mencionam Blaya Luz e Paim (2018, p.17), “*o horror remete ao estranhamento do humano diante da constatação da finitude, da transitoriedade, da passagem do tempo, enfim, da incompletude, que o complexo de castração comporta de maneira incisiva*”. Destacam que encontraram no paradoxal termo *inconfidências*, legado de uma história de lutas pela liberdade nas Gerais, uma forma de apresentação da força propulsora de transformações do estranho que nos habita, acrescentando que o secreto que veio à luz incita o desassossego e potencializa as condições para que o novo se crie e se recrie a partir do antigo.

Como parte desta celebração, recebi da Gleda Brandão Araújo a tarefa honrosa de estender esta reflexão para um campo específico de nossas missões impossíveis, a formação analítica. Nesse longo trajeto, que cada de nós percorreu, percorre ou está em permanente estado de *percorrência*, o fenômeno do estranho e do familiar, essa ambígua e ambivalente dupla, nos surpreende, assusta, preocupa, angústia e maravilha, em vários momentos, situações, experiências, de nosso ciclo vital analítico. E também a questão das *confidências* e *inconfidências* ocupa um papel central neste trajeto interminável.

Para tal fim, partirei ou lançarei mão de sucessivas reflexões que tenho publicado sobre a formação analítica nos últimos anos (Eizirik, 2012, 2014, 2015, 2017, 2018). Vou

inicialmente revisitar um tema sobre o qual escrevi, também a partir de um amável estímulo da Febrapsi, a questão da suposta construção de um(a) analista, para depois pensar sobre possíveis expressões tanto do *unheimlich* quanto das confidências e inconfidências na análise pessoal, na supervisão, e na vida institucional. Talvez eu não diga nada além do que tenha sido ou esteja sendo vivido ou pensado pelos colegas que estão participando deste congresso didático, mas se conseguir encontrar nos leitores ou ouvintes deste texto um misto de familiaridade e estranheza, e estimular a discussão deste tema já me sentirei extremamente satisfeito.

A construção do analista?

O analista é construído ou se constrói? O analista é construído ou está em construção? Uma antiga poesia me vem à mente: o Operário em construção, de Vinícius de Moraes, em que descreve a progressiva tomada de consciência de um operário sobre sua condição, assumindo –a como própria e não outorgada, e através da qual se transforma, de operário em construção em operário construído.

Com isto, quero dizer que não acredito muito na noção de uma construção do analista, mas sim em um processo dinâmico, interminável e sempre incompleto de um analista em construção. Ao contrário do que concluía o poeta, penso que no nosso caso não há um analista construído, mas que talvez o que vivamos seja uma oscilação entre estados mentais em que nos sentimos mais ou menos construídos, porém em permanente construção. (Eizirik,2015)

Desde que, em 1920 começou a formação analítica formalmente, na Policlínica de Berlim, e com seus desenvolvimentos posteriores, é inegável que o tripé análise pessoal, supervisões e estudos teóricos e clínicos se mantém, e que, desde que a IPA, em 2006, finalmente entrou em contato mais direto com a realidade e aprovou os três modelos de formação, temos hoje mais tranquilidade para reconhecer que esses aspectos tem inúmeras variações e nuances que se modificam de um instituto a outro. Quando os comitês encarregados de estudar o que se passava em diferentes institutos, examinaram com cuidado a situação verificaram, por exemplo, que o modelo Eitingon, o mais tradicional e prevalente, apresentava inúmeras versões, apesar de seguirem o famoso tripé. De forma similar, a discussão atual sobre a recente aprovação do modelo Eitingon com 3 a 5 sessões representa um contato mais direto com a realidade analítica e considera o desenvolvimento particular de cada dupla analítica.

Como diria Freud sobre a técnica analítica, ela é como o xadrez, sabe-se como é a abertura e o fechamento, mas existem incontáveis variações no decorrer do jogo. De forma similar, visitando inúmeros consultórios analíticos, ao longo dos últimos anos, fiz a interessante constatação de que todos tinham em comum um divã e uma poltrona, além de outros móveis, mas cada um tinha alguma característica que o diferenciava dos demais; por exemplo, a relação entre a poltrona do analista e o divã varia enormemente, com inúmeras posições, desde aquela em que o analista fica completamente fora do campo visual do paciente até aquela em que fica quase ao lado, bastando um leve mover de cabeça do paciente para vê-lo; em suma, o que quero dizer é que os institutos oferecem as melhores condições possíveis para que um analista se construa, mas o grau em que isto vai ocorrer ou não dependerá de inúmeras circunstâncias que vão além do planejamento e da organização institucional, e que pretendo discutir ao longo deste texto.

A análise pessoal

Penso haver consenso sobre o fato de que devemos manter o rigor nos nossos procedimentos de formação, bem como zelar pela coerência interna do modelo que adotamos, mas na vida real o analista se construirá ou não por razões que vão além de nossas melhores intenções. Costumo ler e ouvir, em diferentes latitudes, que o elemento central da formação é a análise pessoal do futuro analista e, em linhas gerais, estou de acordo com esta assertiva. Afora as vicissitudes dessas análises, que compartilham o que ocorre em todos os processos analíticos, gostaria de ressaltar alguns aspectos que lhe são peculiares. Assim, gostaria de destacar a complexa trama de fantasias inconscientes, de projeções e dissociações que se estabelecem, em quase todos os casos, entre o paciente, seu analista, seus supervisores, seus professores, seus colegas, as autoridades do instituto, a cultura institucional, a tradição de cada sociedade e suas inúmeras novelas familiares, tudo isto mesclado com as vivências de cada futuro analista com sua família, sua história, a realidade em que vive, sua própria tradição e as fantasias de futuro que constrói em sua mente. Bolognini (2013) examinou com minúcias a série de situações por que passa o analista em formação, ilustrando o que denomina as vivências da família fantasmática e institucional de cada um ao longo de seu percurso de aprendiz.

Nos melhores casos, a análise pessoal será um espaço em que essas tramas serão alvo de exame, dentro das possibilidades de cada analista, que também dela participa, em fantasia ou na realidade; em muitas ocasiões, mesmo que a análise seja bem sucedida, e que o analista tenha a humildade de reconhecer seu papel transicional na vida do paciente, ainda assim essa elaboração terá que ser feita a posteriori pelo futuro analista, através de sua auto-análise, observação dos fatos da vida institucional, experiência clínica e trocas de experiências com colegas e amigos.

A essência da relação analítica é a confiança recíproca, que permite as confidências do paciente através de seu relato, associando livremente, e as do analista, através de sua escuta, de suas interpretações e de outras intervenções, das quais para mim a mais importante é saber perguntar. Inconfidências, no sentido de traições, falta de lealdade, rompimento do pacto mútuo, podem ser vividas pelo paciente, na medida em que sente estar traindo suas originais ou atuais relações de objeto, confiando-as ao analista, ou, mais profundamente, no doloroso processo de abdicar de suas mais caras teorias implícitas ou os seus segredos não contados em livro, conforme Drummond. De parte do analista, afora as inconfidências grosseiras de compartilhar material do paciente com terceiros, penso que uma forma de inconfidência, no campo analítico, consiste em privar o paciente de interpretações que podem ser consideradas extremamente dolorosas, mas necessárias, ou intervenções mais ativas, quando há riscos para o paciente. Aqui, o analista pode estar traindo seu pacto com a responsabilidade ética de sua profissão.

Não são poucos os autores que destacam ser esta uma análise necessariamente “contaminada” (Valedon, 1996) por todos os fatores externos e internos a ela que estão sempre implicados. Alguma análise pode não ser contaminada, se é uma relação entre duas pessoas inseridas num campo institucional? Existem algumas dificuldades específicas a esta situação de estar analisando uma pessoa que está em formação analítica, conectadas aos temas do estranho, das confidências e inconfidências. Como se trata de uma relação em que o analista inevitavelmente já viveu aspectos da situação que o paciente está vivendo (ao contrário de todos os demais casos de análise, em que pode haver ou não alguma vivência antiga ou atual semelhante), inúmeras vezes o campo

analítico se vê invadido por lembranças do analista de sua própria formação, identificações projetivas ou introjetivas, comparações, competições, desejo de influenciar, de tomar partido, de bancar o supervisor, de aconselhar, de ajudar, de proibir, de ser solidário e parceiro, de censurar, etc.. Insisto neste ponto: esta circunstância faz desta análise algo específico, diferente das demais.

Há muitas críticas à denominação análise didática, que a meu ver tem sua importância histórica (como é bem conhecido, a escola húngara dos tempos de Ferenczi incluía análise e supervisão pelo mesmo analista) ou talvez revele um desejo/agenda inconsciente de que o analista “didata” não só analise, mas também ensine. Compartilho dessa crítica e acho tal denominação infeliz, sendo mais realista e adequado falar de análise pessoal do futuro analista, mas de qualquer maneira quero sublinhar que há, e sempre houve, o reconhecimento de que se trata de uma análise diferente, específica e com desafios próprios, ao menos segundo uma parte dos analistas, na qual me incluo. Naturalmente, há outros analistas para os quais esta é uma análise como qualquer outra.

Situações de estranhamento fazem parte desta análise, talvez mais do que das outras, porque a inevitável identificação entre dois trajetos de formação, o do paciente e do seu analista, costumam criar momentos em que o estranho de hoje se revela o familiar de ontem. Neste sentido, em muitos aspectos, analisar futuros analistas é um desafio e uma oportunidade de reviver nossa própria formação, pela repetição do que ocorreu, pelo luto pelo que não ocorreu, ou “a vida inteira que podia ter sido e que não foi”. (Bandeira, 1961). Uma das situações que pode colocar em cena o tema das confidências/inconfidências diz respeito à tentação, por parte do analista, de contar episódios da história institucional, relativos a antigos colegas ou a si mesmo, no curso de uma sessão, supostamente para ilustrar alguma interpretação, ou exemplificar algum aspecto do mundo interno do paciente. Como há algo estranho, não familiar, nessas ocorrências, ao invés de adotar uma atitude crítica ou supergóica face a elas, penso ser importante refletir sobre quando e porque surgem, e a que aspecto ou potencial baluarte do campo analítico se relacionam.

Uma ocorrência inevitável nessas análises é que a transferência se fragmente, se divida, entre o analista, os supervisores, os professores e outras figuras que despertem a admiração ou a idealização do analista em formação. Pode ocorrer que o analista, em resposta a isto, ao invés de ouvir e entender, se sinta excluído, diminuído, enciumado, invejoso, e acabe impelido a mostrar força, autoridade, como os pais de adolescentes que começam a encontrar outras figuras admiráveis e idealizadas. O analista, contando essas passagens mencionadas, pode inconscientemente buscar restabelecer quem é quem aqui, quem é o sujeito suposto saber. Mas também pode haver a racionalização de que está transmitindo sua história analítica e institucional, como os pais contando as histórias dos avós, bisavós e da evolução de suas famílias. Este é apenas de um dos inúmeros exemplos que remetem à importância da auto-análise e do monitoramento do que estamos vivendo em cada momento desses particulares campos analíticos.

Outra situação se relaciona às predileções teóricas de cada analista, e ao que faz, sente e pensa quando observa o rumo das predileções teóricas de seu paciente. Em que medida podemos aceitar que cada paciente seja quem é, inclusive dentro da teoria psicanalítica? Como analisar a adesão cega à mesma vertente teórica, ou a busca de outra totalmente oposta? Como aceitar que o paciente escolha fazer sua supervisão com um colega de quem não gostamos, por razões pessoais ou institucionais? Como resistir à

tentação de, sutil ou não tão sutilmente, influenciar na escolha de supervisores, naturalmente para colegas que sejam mais amigos ou que compartilhem a mesma cartilha teórica? Como se trata de análises contaminadas, como já referi, os pacientes, que freqüentam a sociedade e o instituto, e observam a participação de seus analistas e seus posicionamentos, não estão livres de direcionar suas escolhas influenciados por essas observações. Parece-me imprescindível analisar essas escolhas com a maior profundidade possível, para que o analista em formação possa fazê-las a partir de sua singularidade e motivações, e de sua avaliação dos possíveis supervisores e do que imagina como será trabalhar longamente com um deles, e não por alguma razão transferencial.

Um dos momentos mais gratificantes e emocionantes, para o analista que analisa analistas em formação, ocorre quando estes desabrocham, seus relatos revelam crescente capacidade de captação do inconsciente, as referências ao seu trabalho clínico evidenciam como estão sendo capazes de um contato emocional estreito com seus pacientes, e se observa que o analista mais escuta do que fala, não há necessidade de interpretar ou dizer qualquer coisa, mas apenas compartilhar e usufruir a beleza e a expressão da vitalidade da psicanálise, revivida, por cada novo analista, conforme sua singularidade e sua própria maneira de exercer este ofício.

Observo, em minha experiência, e tive a oportunidade de ouvir experiências similares de outros colegas, que há, grosso modo, dois grandes grupos de pacientes analíticos que realizam sua formação. O primeiro grupo é constituído por aqueles pacientes que buscam análise por suas necessidades pessoais, seu sofrimento psíquico, e durante a mesma, num dado momento, ou após alguns anos de trabalho analítico, percebem surgir o desejo ou a motivação para realizar sua formação analítica. Em geral, ou na maioria dos casos, a formação é apenas um período de sua análise, que continua após os procedimentos institucionais, até uma terminação formal do processo analítico. Estas pessoas realizaram sua análise, e a formação foi algo incidental no curso da mesma. O segundo grupo é daquelas pessoas que buscam análise para fazer a formação, embora reconheçam a existência de dificuldades emocionais. Com alguma freqüência, parece haver certa pressa ou pressão nesta análise, e muitas vezes o paciente busca encerrá-la tão logo tenha atingido os requisitos institucionais. Há muitas racionalizações: o custo, as distâncias, as exigências familiares, etc Não tenho como fazer generalizações, nem quero dizer que isto seja uma regra, mas tenho a impressão de que no primeiro grupo de pessoas se encontrem aqueles analistas que mais profundamente se identificam com a função e a identidade analítica. De qualquer maneira, este é um campo aberto para a investigação psicanalítica.

A instituição psicanalítica

Um elemento central que pode estimular ou não o processo de permanente construção de uma identidade analítica é o clima institucional que predomina em cada sociedade ou instituto, bem como a forma como é visualizada, em cada cultura psicanalítica, a trajetória de cada futuro analista.

Em que medida o pensamento crítico e independente é estimulado ou acolhido? Em que medida os procedimentos e regras tornam-se uma espécie de fetiche que deve ser obedecido porque sim? Até que ponto os analistas em formação são estimulados e acolhidos a ter suas próprias associações? Com que freqüência as diferenças teóricas são acolhidas e ouvidas com respeito e interesse? Em que medida predomina o pluralismo

teórico e a coexistência pacífica entre teorias rivais ou a hegemonia de uma única ou autor-entronizado quase como o portador da suposta verdade? (Mabilde, 1998) Em que medida os currículos são flexíveis e incluem seminários optativos, permitindo que cada estudante de psicanálise siga seus próprios interesses? Até que ponto o clima institucional estimula os futuros analistas a participar de suas atividades e manifestar-se nas reuniões ou a ficar num tímido ou temeroso silêncio, que só será quebrado muito depois? Em que medida os temas relativos à formação analítica são discutidos contando com a participação daqueles que estão vivendo a experiência? Até que ponto nossas instituições revisam e modificam seus currículos, com a participação dos analistas em formação, seus procedimentos e sua maneira de entender a formação analítica, à medida que o tempo passa e surgem novas idéias nacionais e internacionais sobre o tema e sobre o próprio processo de formação?

Todas essas questões, e uma discussão detalhada de muitas delas tem sido objeto de sucessivas publicações recentes (Zagermann, 2017; Tylim and Harris, 2018). De minha parte, tenho observado situações em que o cenário descrito por Kernberg (2000), de excessiva concentração de poder nas mãos de um pequeno número de analistas didatas de fato ocorre, e outras em que um número crescente de analistas que analisam futuros analistas oferece uma espécie de diluição do poder e facilita o diálogo e uma discussão mais livre e aberta. Mesmo em institutos que adotam o modelo Eitingon, tem havido modificações no sentido de possibilitar a todos os membros efetivos, sejam didatas ou não, analisar candidatos.

Garcia (2014) discutiu vários aspectos da transmissão institucionalizada da psicanálise. Sua tese central é a da singularidade da formação de cada analista, e de que a função dos institutos deveria ser a de oferecer as melhores condições possíveis para que cada futuro analista realize sua própria formação, preservando o essencial da transmissão da psicanálise das resistências institucionais e culturais da atualidade, e buscando adequar-se aos novos formatos e demandas do presente sem perder o que recebemos das primeiras gerações de analistas. Num recente trabalho, Port Rodrigues (2018) destaca que o debate entre liberdade/singularidade e formatação/organização possa ir além de questões ideológicas entre os analistas ou meras decisões das direções dos Institutos de psicanálise, pois, além dos possíveis movimentos pendulares de cada Instituto, no correr do tempo, entre uma maior liberdade e uma maior formatação, a autora destaca a importância de ouvir o pensamento dos membros e dos analistas em formação, em suas expectativas e necessidades, através de encontros em que a formação possa ser equacionada em conjunto e para aquele grupo específico e singular de docentes e analistas em formação.

Assim como a ABC desempenha um papel extremamente ativo e estimulante da participação e da vida científica no cenário nacional, observo fenômeno similar em várias sociedades e institutos com que tenho contato, e pertencço a uma sociedade em que a associação dos analistas em formação organiza anualmente simpósios para apresentação e discussão dos trabalhos produzidos nos seminários do ano anterior, coordena a realização anual de working parties e publica uma revista; são atividades realizadas em sinergia com a direção do Instituto. Esta interação intensa que se observa no Brasil e na América Latina não ocorre em outras latitudes.

Estranhamentos, confidências e inconfidências estão presentes ao longo da trajetória de cada um de nós na instituição psicanalítica. Para os mais velhos, ressurgem

antigos sentimentos, conflitos, expectativas, descobertas e decepções. Para os mais novos, tal percurso faz reviver situações infantis de sua família, agora transferida para a instituição mas também as transferências da situação analítica se espraiam para o cenário institucional.

Como os analistas trabalham possivelmente por mais tempo que os demais profissionais, o processo do envelhecimento merece especial atenção, não só pelas limitações que pode trazer, como também pela maior acuidade clínica e pela maior coragem em enfrentar o trabalho analítico em contato próximo com níveis mais primitivos da mente. As instituições analíticas podem ter um papel relevante neste processo, na medida em que mantenham uma programação que se poderia chamar de formação analítica continuada, estimulante e inclusiva. Em que pese as inevitáveis desilusões de muitos analistas com suas instituições locais, nacionais e internacionais, ainda assim observo que um sentimento de nós, uma sensação de pertencimento, um certo orgulho de conquistas que podem ser obtidas pelo trabalho conjunto são elementos que podem ter uma função de continente e estimuladora.

Sobre a supervisão analítica

A respeito da supervisão analítica, igualmente, existe uma ampla literatura, e sabemos que sua relevância varia conforme o modelo adotado; de qualquer modo, esta é uma área inegavelmente de grande impacto na construção de um analista, pois é uma relação mais livre que a análise pessoal, que pode ser um foco de estímulo e de trabalho conjunto e mutuamente enriquecedor, ou um espaço para uma transmissão de uma forma de pensar ou analisar centrada na figura e na autoridade do supervisor; trata-se de uma relação delicada, em que a manutenção de uma certa distância e assimetria, ao lado de uma forma espontânea e natural de trabalhar, exige constante atenção do supervisor; assim como a relação analítica, esta é uma relação naturalmente ambivalente, mas tem o potencial de ser um espaço de estímulo à criatividade e ao estabelecimento de uma forma independente de ser analista. Dentre tantas contribuições relevantes, penso que merece destaque particular um número do *Psychoanalytic Inquiry* (2014), organizado por Imre Szecsy e Melvin Bornstein, tendo como tema *Never Ever Stop Learning More About Supervision*.

Os trabalhos apresentados neste número da revista mostram os principais dilemas, complexidades e controvérsias atuais sobre a supervisão psicanalítica.

Percebo certa tensão entre dois grupos de trabalhos. O primeiro deles enfatiza a relevância de haver claros objetivos de aprendizagem, e vê a supervisão como parte de um treinamento no qual capacidades podem ser desenvolvidas e monitoradas; o segundo se baseia num processo de construção de capacidades internas, ou de expansão da mente, em que a relação emocional entre supervisor e supervisionando tem o papel central.

Embora entenda e reconheça a importância de estabelecer e tentar atingir certos objetivos através da formação, e procurar realizar alguma forma de avaliação ao longo desse processo, vejo com alguma preocupação o risco de não se tomar suficientemente em conta a natureza única e peculiar dessa relação, que tem como objetivo ajudar cada analista em formação a adquirir alguma forma de identidade analítica. Tal identidade não pode ser medida em números de horas de análise ou de

supervisão, mas sim na aceitação de que se trata de um processo de elaboração, cheio de flutuações, dúvidas, progressões e regressões, e sucessivos estados mentais. Tal processo, que em alemão é chamado *Bildung* (construção), e em inglês Training ou Education, em francês Formation, em português Formação, talvez mostre, nessa diferença linguística, duas maneiras bastante opostas de conceber o que estou tentando caracterizar como a construção possível de um analista. (Eizirik,2014)

Estranhamentos inevitáveis fazem parte desta particular experiência da formação analítica, como o impacto da descoberta, ao vivo e a cores, do psíquico, da transferência, o reconhecimento das próprias reações emocionais, ao lado das inevitáveis confidências que o analista em formação faz ao supervisor, e da necessidade de um tempo de delicadeza, como sugeriu Fernando Rocha, por parte deste, para tolerar o impacto desta relação, sem estender-se a confidências pessoais, ou inconfidências nos termos já descritos.

Tornar-se e manter-se analista

Como destaquei no início, penso que a formação analítica não se encerra com as formalidades estabelecidas por cada Instituto ou o recebimento do diploma da IPA. Tornar-se analista e manter-se analista é um processo mais amplo e, a meu ver, interminável.

Como nas áreas precedentes, há uma razoável bibliografia sobre esse complexo processo de tornar-se analista; considero particularmente úteis os textos em que analistas confidenciam suas motivações e seu percurso pessoal neste longo processo de aquisição de uma identidade analítica, embora ao mesmo tempo me pareça que a própria noção de uma identidade analítica pode encerrar um risco, na medida em que privilegia a idéia de que a identidade analítica é obtida ou estabelecida, e não que se trata de uma obra em construção, ou um processo em desenvolvimento, ou, nas palavras de Paul Klee (1924) “*formation is good, formation is movement, form is bad, is the end, death*”. Para citar apenas três exemplos ilustrativos das vicissitudes desse processo: Um analista engajado (1994), sobre o percurso pessoal e profissional de André Green, o livro *Comment on devient psychanalyste et comment on le reste* (2010) de Daniel Widlocher e o recente *Who's Behind the Couch-The Heart and Mind of the Psychoanalyst*, editado por Winer and Malawista (2017), uma série de entrevistas em que analistas de várias latitudes falamos francamente sobre o que nos levou a ser e continuar sendo analistas.

O que se encontra nesses relatos, e o que incontáveis outros poderiam testemunhar é que cada analista se construirá a partir de uma série de motivações culturais, conscientes e inconscientes, identificações, experiências de vida, situações traumáticas, aspectos neuróticos do mais variado matiz, buscas de reparação, ideais, e assim sucessivamente.

Penso que um elemento central em tornar-se analista e assim permanecer nos anos seguintes está ligado à experiência clínica e ao acúmulo de horas analíticas, e à possibilidade de experimentar sucessos, fracassos e os resultados possíveis nos casos atendidos; poder compartilhar com um paciente suas mudanças psíquicas e a expansão de sua mente e de sua capacidade de sentir, amar e trabalhar ajuda a robustecer o ato de fé (nos termos de Bion) em nosso método; viver e ser capaz de tolerar os insucessos e as inevitáveis frustrações capacita-nos a ser mais humildes quanto aos alcances e limitações deste método.

Em nosso trabalho analítico, dificilmente, de tempos em tempos, não nos deparamos com o estranho, o surpreendente, o assombroso, e muitas vezes podemos confirmar o insight de Freud sobre sua relação com algo que foi familiar, foi reprimido e ressurgiu desta forma *unheimlich*. Mas esta não é uma regra universal, pois há espaço também para a surpresa, o novo, o não representado anteriormente, o desconhecido, o que não tem registro, o que tem o poder de nos maravilhar, e de nos permitir sonhar conjuntamente com nosso paciente, em campos analíticos que se renovam e nos surpreendem com seu frescor, dos quais “*apenas o vento, as folhas, as formigas reconhecem o talhe...*”, nas palavras de Drummond.

Cabe então considerar o quanto o analista, seja ele um analista assim chamado “formador”, esteja ele em formação, é capaz de se abrir ao estranho em si mesmo, aquilo de si que não conhece e o surpreende? Quanto do estranhamento pode ser um motor no campo de investigação da análise, em que duas pessoas se defrontam, confrontam, constituem-se, neste processo em construção? Afinal, seria possível a existência dessa relação sem uma inevitável contaminação, já que estão ambos simultaneamente inseridos numa instituição, num determinado tempo histórico, sempre em movimento?” (Eizirik, 2019).

Por falar em movimento, Heráclito era chamado de “o obscuro” por ter feito duas observações contraditórias: por um lado, disse que tudo o que existe na natureza pertence a uma unidade; por outro, ressaltou que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Não só a água não é a mesma, como as margens se modificam, e o próprio banhista se modificou. (Pol-Droit, 2010). Assim, poderíamos conceber a situação analítica com uma invariância que é a situação geral do *setting*, e o campo analítico em constante devir, ou a coexistência da compulsão à repetição com o surgimento do novo, do inesperado, do surpreendente. (Knijnik et al, 2012)

Talvez seja ainda mais difícil manter-se analista do que formar-se analista, face às inúmeras tentações de relaxar no trabalho indispensável com o inconsciente dentro de um campo analítico que necessita ser mantido e protegido constantemente. Uma vez concluídos os passos formais dentro de um instituto, cada analista seguirá seu caminho, e as inevitáveis vicissitudes de seu ciclo vital pessoal e profissional, enfrentando não só as dificuldades de um trabalho clínico exigente, como as circunstâncias de um meio que desafia a relevância e a validade da psicanálise. Algumas vezes se diz ou escuta que trabalhar em análise é uma atividade solitária. Expressei essa idéia uma ocasião a Mario Martins, que me respondeu não concordar com ela, pois de fato estamos sempre junto com os pacientes, e cada sessão é uma construção a dois. Aliás, como estávamos fazendo naquele momento. Manter-se analista significa poder tolerar ataques e desafios que vem naturalmente do próprio trabalho com o sofrimento psíquico, bem como de uma realidade externa muitas vezes ambivalente. Manter-se analista significa poder transitar entre a tradição e a invenção, sem pretender negar as inevitáveis oscilações de estado mental, nem as perdas e ganhos de cada etapa do ciclo vital.

Existiria alguma forma de caracterizar como se sente um analista em seu trabalho? Em suas oscilações entre tradição e invenção? Em seus sucessivos estados mentais? Entre seus momentos de compreensão e não-compreensão, como diria Betty Joseph? Entre sentir-se construído ou em construção? Além dos vários textos que mencionei, e de tantos

outros, à medida que escrevia este trabalho, me veio à mente um momento longínquo do passado, em plena ditadura militar, em que vi e ouvi de Paulo Autran, estas palavras de Louis Javet e Jean Louis Barrault, coletadas por Millôr Fernandes e Flávio Rangel para a peça Liberdade Liberdade, que captam com argúcia em que consiste a identificação com um ofício: “*Sou apenas um homem de teatro. Sempre fui e sempre serei um homem de teatro. Quem é capaz de dedicar toda a vida à humanidade e à paixão existentes nestes metros de tablado, este é um homem de teatro*”.

É no trabalho com a humanidade e a paixão que existem, nesses metros de cada sala de análise que criamos, com cada futuro analista, o cenário em que compartilhamos o encontro com o novo, o surpreendente, o estranho, o assustador, o conhecido e o desconhecido, as confidências e inconfidências, e nos inventamos hora após hora, sem nunca ficar pronta nossa edição convincente.

Referências

- Andrade, CD (2015) *Corpo*, São Paulo, Companhia das Letras (Edição original de 1984)
- Andrade, CD (1956) *50 Poemas Escolhidos Pelo Autor*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura
- Blaya Luz, A. e Paim Filho, I. (2018) Carta –convite XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 52, n.1, pp 17-18
- Bandeira, M. (1961) *Antologia Poética* Rio de Janeiro, Editora do Autor.
- Bolognini, S. The institutional and fantasy family of the analyst, *Psychoanalyse*, 29(3):357-72
- Droit, P-R (2010) *Vivre aujourd’hui avec Socrate, Epicure, Sèneque et tous les autres*. Paris, Odile Jacob
- Eizirik, CL (2012) O analista em construção, *FEBRAPSI Notícias*, ano XIV, n. 46, Rio de Janeiro.
- Eizirik, CL (2014) Discussion: Never Ever Stop Learning More About Supervision, *Psychoanalytic Inquiry*, 34:642-643, 2014
- Eizirik, CL (2014) O Futuro da Formação Analítica: algumas questões e perspectivas *Psicanálise*, vol XIV, n.1, PP 41-46
- Eizirik, CL (2015) Alguns aspectos da formação analítica. *Jornal de Psicanálise*, vol 48, n. 88, p. 141-217
- Eizirik, CL (2017) Current aspects and challenges of analytic training In Zagermann, P. *The Future of Psychoanalysis- The Debate About the Training Analyst System*, London, IPA-Karnac, pp. 71-88
- Eizirik, CL (2018) Contemporary developments and challenges of analytic training and practice In Tyllim, I. and Harris, A. *Reconsidering The Moveable Frame in Psychoanalysis*, London and New York, Routledge, pp 207-22
- Eizirik, MF (2019) *Comunicação pessoal*.
- Fernandes, M. e Rangel, F. (1997) *Liberdade, Liberdade* Porto Alegre, L & PM.
- Freud, S. (1969) O estranho In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.*, Vol. 17, pp 273-314 Rio de Janeiro, Imago (trabalho original publicado em 1919).
- Garcia, J. (2014) La transmisión institucionalizada del psicoanálisis en los comienzos del siglo XXI *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 118:139-155
- Green, A. (1994) *Un Psychanalyste Engagé- Conversations avec Manuel Macias*. Paris, Calmann-Levy

Knijnik, J., Rispoli, A., Tofani, A., Mello, C., Rubin, L., Pacheco, M., Eizirik, CL (2012) Baluarte, surpresa e comunicação no campo analítico, Revista Brasileira de Psicanálise, Vol 46, n. 1, 150-61

Kernberg, O. (2000) A concerned critique of psychoanalytic education The International Journal of Psychoanalysis, 81(1):97-120.

Mabilde, LC (1998) A formação psicanalítica em nossos dias: um psicanalista para os novos tempos. Revista Brasileira de Psicanálise, vol 32(4):665-674

Moraes, V. Antologia Poética, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1960

Port Rodrigues, AM (2018) Liberdade e Singularidade na Transmissão da Psicanálise-Interminável Desafio. IPA Psychoanalytic Education Committee Award 1919.

Valedon, C. (1996) Consideraciones sobre los análisis didácticos. VII Congreso Latino-Americano de Psicanálise, Monterrey

Widlocher, D. (2010) Comment on Devient Psychanalyste...et Comment on Le Reste, Paris, Odile Jacob.

Winer, R. and Malawista, K Who's Behind the Couch? – The Heart and Mind of the Psychoanalyst (2017). London, Karnac.